

*Antônio Júlio de Araújo Barreto  
Aurélio Magalhães Neto  
Claudia Vorcaro  
Elaine Pimentel  
Elizabeth Costa da Silva  
Gilberto Braga  
Izabel Rodrigues de Oliveira de Carvalho  
Janette Rodrigues Campos  
Julizar Dantas  
Kleber Neves da Rocha  
Marcela Guimarães Cavalcanti Ribeiro  
Marcus Marinho  
Milene de Mello  
Norton José Barbosa Caldeira  
Pedro Ronaldo de Carvalho Filho  
Ray Calixta  
Rodrigo Seabra  
Rosânia Aparecida da Silva  
Wilson de Souza Lima*

# Letras de Médicos

**OFICINA LITERÁRIA**

*Coordenação: Prof. Ivan Capdeville Junior*

**INSTITUTO UNIMED-BH**

© 2019 INSTITUTO UNIMED-BH

É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação para qualquer finalidade, sem autorização por escrito do Instituto Unimed-BH.

**Organização** Instituto Unimed-BH

**Coordenação** Prof. Ivan Capdeville Junior

**Autores**

Antônio Júlio de Araújo Barreto	Izabel Rodrigues de Oliveira de Carvalho	Milene de Mello
Aurélio Magalhães Neto	Janette Rodrigues Campos	Norton José Barbosa Caldeira
Claudia Vorcaro	Julizar Dantas	Pedro Ronaldo de Carvalho Filho
Elaine Pimentel	Kleber Neves da Rocha	Ray Calixta
Elizabeth Costa da Silva	Marcela Guimarães Cavalcanti	Rodrigo Seabra
Gilberto Braga	Ribeiro	Rosânia Aparecida da Silva
Prof. Ivan Capdeville Junior	Marcus Marinho	Wilson de Souza Lima

**Projeto Gráfico, Diagramação** Gabriela Silva e Daniela Piancastelli da Silveira

- Lápis Raro Comunicação

Catálogo na Publicação (CIP)

[59] Instituto Unimed-BH.  
Letras de médicos: oficina literária. – Belo Horizonte:  
Instituto Unimed-BH [Org.],  
2019.  
99p.: il.  
  
ISBN: 978-65-8051-700-8  
  
1. Literatura Brasileira. 2. Oficina Literária  
3. Poesia. I. Instituto Unimed-BH. II. Título.

CDD 804

Ficha catalográfica elaborada por Mariana Ribeiro Fernandes - CRB 6/3000

# Letras de Médicos

OFICINA LITERÁRIA

*Coordenação: Prof. Ivan Capdeville Junior*

INSTITUTO UNIMED-BH

1ª EDIÇÃO

BELO HORIZONTE - 2019

# Sumário

- 6 ELIZABETH RENNÓ Prefácio
- 8 INSTITUTO UNIMED-BH
- 10 PROF. IVAN CAPDEVILLE JUNIOR  
Médicos escritores: talento para integrar vida, pensamento e escrita
- 14 ANTÔNIO JÚLIO DE ARAÚJO BARRETO Gosto de Viver
- 16 AURÉLIO MAGALHÃES NETO A Aula
- 20 CLAUDIA VORCARO Bilhete ao Mar e Nosso Vaso
- 26 ELAINE PIMENTEL A Morte em “Visita de Médico”
- 30 ELIZABETH COSTA DA SILVA O Padre
- 34 GILBERTO BRAGA Rio de Lama
- 36 IZABEL RODRIGUES DE OLIVEIRA DE CARVALHO Gratidão Eterna
- 40 JANETTE RODRIGUES CAMPOS Big Brother da Velhice  
e História de Amor

- 46 JULIZAR DANTAS Saúde e Amizade e Antigos Personagens, Novos Atores
- 52 KLEBER NEVES DA ROCHA Vozes da Praça Sete
- 56 MARCELA GUIMARÃES CAVALCANTI RIBEIRO Numa UTI do SUS
- 64 MARCUS MARINHO O Oitavo Pecado Capital
- 68 MILENE DE MELLO Controle
- 72 NORTON JOSÉ BARBOSA CALDEIRA Inconsciente de Alice
- 74 PEDRO RONALDO DE CARVALHO FILHO  
Causos Filosóficos do Cotidiano e Loucuras de Amor
- 82 RAY CALIXTA Cuidado com as Palavras
- 86 RODRIGO SEABRA Nada Santa Guerra de Palavras
- 92 ROSÂNIA APARECIDA DA SILVA Meu Avô, o Violeiro
- 96 WILSON DE SOUZA LIMA Manifesto aos Médicos de Minas

Louve-se  
o Instituto  
Unimed-BH  
como  
incentivador  
da criação  
literária

Prefácio por Elizabeth Rennó

A linguagem articulada traduz as vivências do sujeito. A partir dela, procurou o homem representar a realidade linguística por símbolos escritos com que pudesse comunicar-se e imprimir o Belo substanciado na Verdade transmitida. Perpetuou-se.

A história da criação humana se faz a partir da escrita, desde os caracteres primitivos. A palavra escrita, como veículo de comunicação, pode edificar.

Conforme palavras de Paulo Freire, grande educador brasileiro, a educação só pode ser encarada como um “que fazer humano,” pela ação libertadora de encarar o homem como pessoa. Cecília Meireles, poeta também educadora, mostra quais são os verdadeiros educados:

*“Os que sabem, os que creem, os que agem, os que se conservam puros para serem belos como um exemplo, os que não vacilam diante de nada, porque não desservem a um ideal que é o seu, os que jamais seriam capazes de trocar um pequeno interesse coletivo por um grande interesse próprio, os que não vergam, os que não suplicam, os que não mentem e os que não temem.”*

.....

*É gratificante participar e conhecer a profundidade humanística do que se realizou.*

**Elizabeth Rennó**

*Presidente da Academia Mineira de Letras*

# Instituto Unimed-BH

Ser médico é conviver com o que há de mais humano, com a vida das pessoas. Seus medos, sofrimentos, fraquezas, esperanças. Essa vivência, associada à própria natureza da nossa profissão, desperta em nós um lado partícipe e agente do cuidado, e também um lado narrador, de contador de histórias. Entre parceiros da medicina, muitas vezes precisamos relatar um caso tratado. Já com nossos pacientes, precisamos apurar a escuta e cuidar da forma correta de nos comunicar. Aprendemos com experiências de muitas vidas diferentes.

Esse contar e recontar, essa escuta, são pontos que nos aproximam da literatura e fazem com que muitos de nós se enveredem pelo mundo da palavra e da escrita, que se apaixonem por contar histórias e escrever livros.

Por meio do Instituto Unimed-BH e com o envolvimento de mais de 5 mil cooperados e colaboradores, temos o orgulho de apoiar as atividades da Academia Mineira de Letras, guardiã e fomentadora da cultura literária de nosso estado. Igualmente, satisfaz-nos conhecer, por meio desta publicação, os escritos daqueles que se aventuraram no aprendizado da retórica.

Além desta iniciativa, nossos médicos cooperados podem, de fato, se orgulhar de fazer a diferença na cadeia da economia da saúde e na economia criativa, no bem-estar de nossa comunidade e na vida de milhares de jovens que têm encontrado novas oportunidades por meio da participação nos projetos que o Instituto Unimed-BH viabiliza na área de atuação da Unimed-BH.

Assim, potencializamos nossa vocação para o cuidado e investimos no futuro. Boa leitura!

**Samuel Flam, Maria das Mercês Fróes, Múcio Pereira Diniz,  
José Augusto Ferreira e Eudes Arantes Magalhães**

*Diretoria do Instituto Unimed-BH*

*Médicos*  
*escritores:*  
*talento para*  
*integrar vida,*  
*pensamento e*  
*escrita*

*Prof. Ivan Capdeville Junior*

Desde a antiguidade, médicos como Ctésias de Cnido, São Lucas, Avicenna, Copérnico e Rabelais se dedicam, paralelamente a suas atividades profissionais, ao ofício de escrever. Na categoria de médicos escritores, desfilam gigantes do porte de Tchekhov, Khaled Hosseini, Conan Doyle, Robin Cook, A. J. Cronin e Paul Fleming.

Mantendo semelhante cuidado no exame da saúde de seus pacientes e na dedicação a seus escritos, engrandeceram as letras lusófonas nomes como Guimarães Rosa, Joaquim Manuel de Macedo, António Lobo Antunes, Moacyr Scliar, Miguel Torga, Drauzio Varella, Fernando Namora e Pedro Nava. Afrânio Peixoto se destaca, entre eles, também por seus estudos filológicos.

Encontrar na interseção entre o talento para perceber as angústias humanas em um consultório e o dom de elaborar, pela escrita, observações sobre o que há de mais profundo na existência, de modo a permitir aos leitores apreciar e entender o mundo com maior argúcia, constitui um diferencial admirável.

Sensibilidade, reflexão metódica e vontade de dividir experiências, devidamente coordenadas, criam as condições para a produção de narrativas capazes de alcançar a imortalidade.

Médicos se encantam pela palavra e pela escrita quase naturalmente, a partir do íntimo contato com histórias surpreendentes, prosaicas ou engraçadas; do envolvimento com tramas tocantes e finais nem sempre felizes; da luta contra problemas reais ou imaginários. Talvez os inspire a vontade de transformar a vida, tão fugaz, permeada de medo, fraque-

zas, doenças e impotência diante do inevitável em busca pela coragem e esperança.

Portanto, seu cotidiano, rico de experiências, percepções e sentimentos, constitui uma fonte diferenciada de motivos para o labor literário, pois não se faz literatura sem humanidade, sem finitude, sem dor.

Produzem, na vida acadêmica, relatórios de casos, descrevendo, com rigor científico, estados patológicos e apresentando suas conclusões em diversos congressos, em constante intercâmbio de vivências com os pares. Perante os pacientes, precisam conversar, saber ouvir queixas, adequar o vocabulário, injetar confiança, persuadir, e conferir à relação estabelecida uma dimensão maior para tornar eficaz o tratamento. Dúvidas e aprendizados, acertos e erros se refletem em suas obras.

Como lidam com a linguagem em múltiplas circunstâncias e dada a exigência, na profissão, de leitura, concentração e capacidade tanto de análise quanto de síntese, desenvolvem qualidades extremamente úteis para escrever bem.

Porém, diante da folha em branco, nos momentos de folga entre consultas e atendimentos, quando recrudescer o desejo de exprimir “o que a boca não diz e a mão não escreve”, surgem desafios, inseguranças e questões práticas que só podem ser vencidas com uma boa preparação em técnicas úteis para dinamizar o processo de criação do texto.

Esta oficina integra conceitos da Retórica, arte por excelência da elaboração de discursos, para proporcionar melhor entendimento sobre o

fazer literário. Promove estudo, reflexão, exercício e troca de ideias para oferecer aos médicos a possibilidade de se aprimorarem como artistas da palavra. Intensifica o VIVER, enriquece o PENSAR e estimula o ESCREVER. Afinal, palavras surgem com incrível facilidade após uma boa reflexão sobre vivências marcantes.

Este livro reúne parte da produção literária da turma, burilada com os conceitos estudados em aulas desenvolvidas em um clima de liberdade, amizade e respeito. Como pretende valorizar o sujeito-escritor, preserva diferentes estilos e gêneros, aos quais cada participante se dedica, e evita restringir a liberdade criativa buscando uma unidade de forma ou conteúdo. Sua unidade consiste no tratamento da materialidade textual seguindo princípios de identificação de possíveis melhorias e recursos para a reescrita dos próprios textos.

Sentimos alegria e realização por chegarmos a um excelente nível de entendimento sobre os conceitos apresentados e de sua aplicabilidade à produção real dos cooperados. Pressentimos que a classe médica continuará a render excelentes valores à literatura.

.....

Agradecemos a todos os colaboradores pela realização dos trabalhos.

Parabenizamos o **Instituto Unimed-BH** pela iniciativa de promover os talentos de médicos escritores e agradecemos à **Academia Mineira de Letras** pela segura condução do projeto.

Aos alunos, desejamos êxitos em suas aventuras languageiras.

# Gosto de Viver

**Antônio Júlio de Araújo Barreto**

*Médico dermatologista, guitarrista da banda mineira Tianastácia, indicada ao Grammy de melhor álbum de Rock Brasileiro em 2005.*

*Compositor de sucessos como “O Sol”, eternizado nas vozes de Milton Nascimento e Jota Quest.*

Sei que um dia eu vou  
Pro lado de lá  
Tudo o que fiz o que sou  
É o que vou levar

Você me pergunta se tenho algo a temer  
A incerteza se do outro lado a gente vai se ver  
Por isso gosto de viver

Sei que um dia a gente vai se despedir  
Queria transgredir o tempo  
Uma cura, um alento  
Invejo a eternidade de Deus  
Gosto de viver

.....

*“Escrevendo mal se aprende a escrever bem”*  
*Eugênio Ionesco*

# A Aula

## Aurélio Magalhães Neto

*Nefrologista, cooperado da Unimed-BH há 25 anos.*

*Médico, formado há 40 anos pela UFJF.*

Certo dia, na hora do almoço, meu filho de sete anos, Eduardo, chega empolgado da escola. Antes mesmo de dizer um oi, pergunta se eu aceitaria dar uma aula para sua turma. Dada nossa imensa afinidade, ele contava os dias ao idealizarmos algum passeio para os finais de semana e sempre convidava os colegas para os jogos na quadra do prédio quando conseguia minha participação. Muito falante, interessado por qualquer assunto, interagiu facilmente com amigos da mesma idade e mesmo com adultos.

Surpreso com o convite, indaguei:

- Que negócio é esse de dar aula?
- Minha professora perguntou quem era filho de médico.
- Certamente, você logo levantou a mão...
- Não sei se fui o primeiro, mas levantei rapidão!
- Qual assunto relacionado à profissão interessaria a vocês?
- Uns cinco ou seis colegas também levantaram a mão. Então, cada pai vai falar sobre sua especialidade.

Em tom de intimidação, completou:

- Eu quero saber se você topa.

O Dudu certamente não perderia a oportunidade de ver o pai como centro das atenções na sala de aula. Adoraria me mostrar para os colegas e a professora! Concordei, mas pedi para me avisar com antecedência.

Em pouco tempo, eufórico, trouxe um papel do colégio com as datas. A primeira apresentação ocorreria em um mês, e as demais, semanalmente. A minha, seria a última.

Desde então, o menino não passava um dia sequer sem trocar alguma ideia comigo acerca da palestra. Descrevia a sala de aula, pedia para eu falar alto, para todos compreenderem bem, inclusive os da fileira de trás. Haveria muitas crianças, pois reuniam mais de uma turma para as palestras. Discutia se eu deveria sentar atrás da mesa, para, enfim, concluir sozinho ser melhor permanecer de pé, como a professora. Orientava para eu chegar mais cedo, pois o colégio era rígido com horários. Recomendava fazer cartazes, para ilustrar melhor a fala.

Bastou, no entanto, os primeiros pais darem suas aulas para o entusiasmo diminuir. As conversas, antes animadas, passaram a um clima de preocupação. Começou a duvidar da minha capacidade de professor. Afinal, eu era médico. Os cartazes, até então elogiados, sofreram críticas. Cobrava uma preleção antes da aula, apreensivo com a qualidade do conteúdo. Tudo em razão de alguns dos primeiros pais não terem agradado muito, gerando chacotas entre os colegas. A confiança do Dudu em mim se desvanecia. Seu ídolo estava sob suspeita.

Procurei controlar sua ansiedade. Pedia que aguardasse com calma, pois não saberíamos, de antemão, se minha apresentação seria um desastre ou se faria sucesso. Era aguardar para ver.

Chegado o meu dia, apresentei-me ao colégio com vinte minutos de antecedência. Com a ajuda da professora, fixei os cartazes na parede.

Para não aumentar a preocupação do Dudu, procurei falar em um tom de voz mais alto e de pé. Respondi às várias perguntas da criançada, inclusive a algumas mais astutas, tentando me colocar em situação difícil. Encerrada a aula, recebi o agradecimento da professora, despedindo-me a seguir.

Em casa, o Eduardo chegou na hora do almoço. Não comentou nada. Não estava eufórico, nem abatido. Pareceu-me aliviado.

.....

*“Escrevo sobre aquilo que não sei, na esperança de vir a saber.”*

*Fernando Sabino*

# Bilhete ao Mar

Cláudia Vorcaro

*Médica pela UFMG, da turma de 1985. Psiquiatra, geral e de infância, pela FHEMIG. Mestre em Saúde Pública - Epidemiologia pela UFMG. Formação em Terapia Cognitiva. Preceptora de enfermagem e professora do curso de Introdução à Terapia Cognitiva da Residência Médica de Psiquiatria do IPSEMG.*

Após tantos anos, estou matando saudades do oceano. São imensas, como ele.

De uma pequena pousada, com um pequeno jardim, vejo o mar pela janela. Infinito, ninguém pode me ajudar a olhar para ele. Seria ele a me olhar? Posso também ouvir sua canção, indo... vindo... indo... vindo...

Em instantes, vou ao seu encontro e lhe darei abraços e beijos, por que não? Sua brisa vai me embaraçar os cabelos. Eu sei que posso, seguramente, me afogar nele. Ele me acolherá como um amigo a uma amiga, como um abraço a uma saudade, como um todo a sua parte. Ainda não estou certa se ele me vê pela janela.

Chovia tanto naquele dia, quando nos despedimos. Lembro-me do seu rosto na janela do carro, nossos olhos molhados de chuva e de adeus. Querendo ir, querendo ficar. Lembro-me, a cada dia, de seus dedos tocando suavemente meus ombros, com carinho. Minhas mãos passeavam em seus cabelos macios, eu sentia cada fio como brisa em minha pele. Podia senti-lo claramente, calmamente, como se o conhecesse inteiro por toda a vida. Você se aproximava, imaginei você em mim. Lentamente, ainda se aproximava, imaginei-me em você. Meus pensamentos iam... vinham... iam... vinham, brincando em minha mente durante aquele tempo infinito. Segundos apenas, até tocar meu rosto, mas durou para sempre, ternamente. Em minhas janelas, sempre você.

Sei, como você, que muitas vezes nos apaixonamos não por uma pessoa, mas pelo que imaginamos dela, pelo que desejamos no outro, por alguma de suas ideias, escritos, ações, por alguma de nossas faltas. Mesmo

sem motivos para ser tão bom, é inevitável.

Na pousada, a luz de uma manhã de maio me lembra das manhãs de nossa história. A chuva leve passou, o cheiro do jardim e do mar se confundem delicadamente pelo quarto.

A luz, o cheiro, as ondas ativam meus sentidos. O gosto é, e só pode ser, doce. E só penso em me afogar em seu abraço.

Por esta janela, o mar imenso. Pela janela do carro, a imensidão do seu olhar. Que mar.

PS: Releio o bilhete que lhe envio. Releia também, querido, meu mar, meu oceano.

.....



# Nosso Vaso

Cláudia Vorcaro

Sentados de frente, um e outro, na quilométrica distância de alguns palmos, pousamos nosso olhar alheio no vaso entre nós. Nosso vaso, ímpar, mas não estranho e impermanente como somos.

Nossas histórias, nossos filhos, nossas viagens, nossos sonhos, tudo partilhado em nossos novos futuros caminhos. Carro, toalhas, copos, fogão meu, sua geladeira, um quadro para mim, outro para você. De tudo, a metade igualmente carregada para um novo destino: a reconstrução de cada um de nós.

Nosso lar, agora antigo, está vazio de nós, de nossos meninos, de nossas roupas, de nossas risadas, de nosso amor. Cansados, sentados no piso frio, já despido do tapete em que rolamos tantas vezes, resta-nos apenas escolher o novo dono para o nosso vaso.

O vaso azul e preto que misturou nossas rotas numa pequena olaria. Vendendo seus olhos azuis brilhando no azul do vaso, o preto do vaso brilhava na pretidão dos meus. Brigamos por ele, você venceu, mas não pôde pagar. Pediu, eu paguei, você carregou. Nos conhecemos, nos amamos e dividimos a dívida do vaso em nossa casa.

Ao lado dele, vivemos uma vida. Como o artista anônimo que o criou, moldamos bases, formamos íntimos, aparamos excessos, construímos contornos, extraímos essências, pretoazulamos rotinas. Nosso vaso, nosso pequeno símbolo da história, da perfeita união das cores de nosso olhar. Simples, nunca despercebido, não apenas pela arte, beleza e cores, antes por uma delicadeza da forma desafiando o peso do barro, da pintura discreta conquistando o brilho das tintas. Como o casal, diziam.

Porém, resta o vaso, mas não o casal. Somos agora um par de ímpares.

Meus olhos pretos em seus azuis, seus olhos azuis me colorindo por toda a vida. E agora? Quem carrega para si a história de nós dois que não mais existe? A história de nós dois contida no vaso?

Ele lembra tudo, imparcial testemunho preto-azul de cada momento que virou saudade. Memória acessória de onde nada escapa. Inapagável.

Pergunto-me, olhando para você através do vaso, se nossas lembranças serão peso ou conforto. Ou ambos. De qualquer modo, elas doem. Fazem parte de mim, indeletáveis. Suficientes.

Salomão às favas, quebro o vaso em mil partes de mim e de você.

Catemos nossos cacos para continuar a vida.

.....

*“Escritor: não somente uma certa maneira especial de ver as coisas, se-  
não também uma impossibilidade de as ver de qualquer outra maneira.”  
Carlos Drummond de Andrade*

# A morte em “Visita de Médico”

**Elaine Pimentel Nunes**

*Médica há 25 anos. Homeopata, apaixonada pelas palavras, capazes de traduzir o mais íntimo de seus pensamentos e sentimentos e até de curar. Nascida em 1º/05/1967. Facilitadora de Constelações Familiares, professora de Kundalini Yoga, estudiosa de Ayurveda e amante das artes.*

***“A não ser que a iminência da morte chacoalhe a existência,  
a morte é assunto morto.”***

***Pierre Chaunu***

Um pensamento agoniado sacudia o raciocínio de Carlos, apesar da intimidade com o repertório médico. Cuidara de vários corações, em anos de profissão. Agora, incapacitado pela fadiga e dor no peito, desconfiou de doença grave. Pressentia o inevitável acerto de contas com a vida. Deixaria o mundo das coisas. Seu tempo se cumpriria. Restava-lhe preparar a despedida.

Solicitou para si os exames de praxe. Mesmo acostumado às raridades mórbidas dos pacientes, surpreendeu-se com os resultados. As alterações laboratoriais confirmavam os sintomas de miocardite virótica.

Sandra, a esposa, ganhara passagens para uma feira de *patchwork* nos Estados Unidos. Jamais havia posto os pés fora do Brasil. No entanto, estimulada pela causa nobre e animada por se juntar a um grupo de brasileiros com intérprete, encarou o desafio de viajar sem ele. Desde a faculdade, pela primeira vez, se separavam.

Sentiu-se sozinho. Justamente na semana de ausência da amada, a fragilidade o abocanhara. Não seria razoável telefonar para ela. Estorvaria sua viagem. Ela merecia a pausa, uma semana não parecia demais. No correr-corre do cotidiano de dona de casa, médica, esposa, mãe e mais um

punhado de afazeres, Sandra relaxava apenas nos momentos dedicados à costura artística.

Carlos rogaria, em silêncio, pela vitória contra a doença. Nunca teve apegos em demasia. Assim, não temia a partida. Pensou nos quatro filhos. Apesar de crescidos, não poderiam apoiá-lo. O mais velho estudava medicina em outra cidade e já somava obrigações a valer. O caçula guardava certa distância em relação a ele – intimamente, ressentia-se da ausência do pai na convivência diária e queixava-se de que ele só sabia trabalhar. As filhas do meio precisavam dedicar atenção plena à semana de provas.

Deixou umas orientações com o colega de consultório, caso o pior acontecesse. Planejaria o restinho de vida em sigilo, organizando malas invisíveis para a viagem definitiva.

Inquietava-se com a situação financeira familiar. Desejava honrar os compromissos e ponderava o futuro de todos. O seguro de vida realmente garantiria conforto para os seus? Haveria tempo suficiente para quitar cada pendência? Os filhos superariam a perda e seguiriam em frente? Não queria admitir, mas enciumava-se com a possibilidade de a esposa, ainda jovem, arranjar outro marido.

Dias contados, tempo exíguo, energia definitivamente minguada, matutava um plano para resistir. Uma enxurrada de perguntas arrebatava-lhe a paz. Na doença, a vontade desfalece, enquanto a cabeça pipoca. Refletia no que poderia ter feito de diferente. Rogou uma prorrogação ao Divino, embora não se fiasse no sobrenatural, e, prático, tratou de buscar socorro médico.

A iminência da morte assustou, mas ele, respeitando a competência do colega, com a disciplina habitual, aderiu rigorosamente ao tratamento proposto, exatamente como recomendava aos próprios pacientes. Carlos sobreviveu.

Não muito depois, dividia a experiência com a turma, na comemoração dos 25 anos de formatura. Contou que passou a refletir sobre como levava o ofício. Concluiu, na conversa, desejar mais qualidade de vida e convívio com as pessoas queridas.

Certo dia, um paciente solicita atendimento fora do horário, prometendo pagar em dobro. Verificando não ser caso de urgência, com serenidade, negou, como jamais fizera. Explicou, sem titubeios, não lhe faltar dinheiro, mas tempo.

.....

*“Por alguma razão eu estou aqui.*

*Por alguma razão, o absurdo da vida pode ser explicado.”*

*Adélia Prado*

# O Padre

**Elizabeth Costa da Silva**

*Pediatra, homeopata e antropósofa.*

Encontrar antigas amizades compõe uma das maiores motivações para médicos participarem de eventos profissionais. Há alguns anos, em um congresso internacional, uma colega, a quem sempre dei ouvidos, entusiasmou-se ao me ver. Loquaz, relatou casos fantásticos de alguns pacientes.

Impressionou-me, sobretudo, a história de um jovem padre. Abatido, procurou a consulta com a esperança de clarear a mente e concluir alguns dramas pessoais.

Percebendo a reserva do paciente para se abrir, a doutora tentou colaborar, dissertando sobre conflitos afetivos, dificuldades de aceitação, problemas financeiros e sobrecargas no ambiente familiar ou de trabalho comuns a outros líderes espirituais. Tentava infundir confiança, para direcionar a conversa em busca de algum segredo que pudesse motivar a angústia dele.

Tentou estimular pelo elogio:

– Tarefa louvável a de vocês. Quanta entrega! Certamente, não é fácil compadecer-se e oferecer uma orientação precisa. Antigamente, bastava proferir algumas palavras de conforto, mandar cumprir penitências e silenciar o Ser Interno. Atualmente, estamos tão complicados, que, conforme a susceptibilidade, o indivíduo pode até se ofender com uma expressão como: “Deus sabe o que faz”...

O padre encolhia na cadeira, olhar baixo, sobranceiras cerzidas, as palavras não saíam. Após longo silêncio, a colega prosseguiu, citando a ne-

cessidade de supervisão psicológica para dirigentes de grupos de risco que lidam com famílias ameaçadas por drogas, abuso sexual ou violência, inclusive assassinatos.

Como o papo deslizou para um lado diferente do pretendido, timidamente, ele revelou a convicção profunda de ser um homem do bem. Dividiu a residência, oferecia leitos e refeições equilibradas, construiu uma rede paroquial cujas ações sociais encantaram toda a região.

Mas não revelou nenhum drama pessoal. Ela questionou a respeito de dores, catarro, tosse, erupções, obtendo somente respostas curtas, por vezes monossilábicas.

Tempo esgotado, ela marcou a nova consulta para quinze dias.

Em pé, durante o aperto de mão da despedida, o padre, enfim, parece ter algo mais a dizer:

- Mulher...

A médica, enfim, se entusiasma e, sem tempo para longa conversa, dispara:

- O senhor está apaixonado?

- Doutora, são inúmeras as mulheres e em diversos lugares! O celibato me impõe a infidelidade.

- Ah!... Vai com Deus!

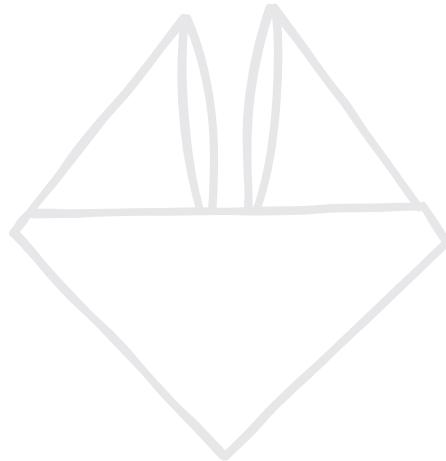
Estampou no rosto um sorriso doce, mas logo se recompôs, balbuciando um comando para si mesmo:

-Trezentos pai-nossos e quinhentas ave-marias...

.....

*"Escrever é esquecer. A literatura é a maneira mais agradável de ignorar a vida."*

*Bernardo Soares, pseudônimo de Fernando Pessoa*



# Rio de Lama

**Gilberto Ferreira Braga**

*Ortopedista aposentado. Preceptor de Ortopedia e Traumatologia da FHEMIG desde a sua implantação, em 1996, até 2011. Autor de artigos técnicos, monografias e poemas.*

As águas do Rio Doce,  
descendo das montanhas,  
adoçavam as águas do mar

Agora, lama de resíduos mortais  
com pesados metais contamina  
terras de plantio, tartarugas e corais  
trazendo vergonha a Minas.

Mãe cuidadora de outrora, que chora  
ao ver o descaso tragar estórias  
arrastar gentes, plantas e bichos,  
misturar a pureza à escória.

Vagaroso, o caldo ocre desliza.  
Lento, carrega o peso de sugar  
da seiva ao sangue inocente.

Hoje, no leito encardido  
não mais vejo um rio.  
Muito menos o Doce.

.....

*“A música da linguagem deve expressar o que a lógica da linguagem  
obriga a crer (...). O melhor dos conteúdos de nada vale, se a linguagem  
não lhe faz justiça.”*

*Guimarães Rosa*

# Gratidão Eterna

## **Izabel Rodrigues de Oliveira de Carvalho**

*Médica de família e comunidade da atenção domiciliar da Unimed-BH. Mineira, nascida em Cássia, reside em Belo Horizonte desde a graduação na UFMG. Casada com o também médico e escritor Pedro Ronaldo de Carvalho Filho. Exerce desde 2008 a mais nobre das profissões: a maternidade. Suas inspirações diárias: o envolvente Cristiano e a carinhosa Juliana.*

Quanta felicidade em vivenciar a infância, sem dúvida, a melhor fase da vida! Brincadeiras sem fim, alegria em coisas simples, nenhuma preocupação. O sono descansa e o despertar energiza. A lembrança do quintal que parecia imenso, recheado de cheiros e sons, rega nostalgias. A vida segue seu desabrochar e traz consigo uma sucessão de fases.

Quem não vivenciou a maternidade, por vezes, subestima a dimensão dos sentimentos envolvidos em renovar a própria infância no convívio com os filhos. Talvez alimente o receio de obrigar-se ao desapego, às noites em claro, a tanta dedicação a outrem. Os percalços ganham dimensões irreais para quem ainda não viveu tal experiência. Beijos com sabor de morango, abraços cheios de saudade após um dia de trabalho, parecidos com reencontros após anos de separação, declarações de amor puras e espontâneas, jamais recebidas mesmo de amantes apaixonados, compensam o deslocamento para um universo paralelo, onde o cosmos compõe-se de brincadeiras e turbilhões de infância remota.

Outra vivência ímpar consiste em se transformar em pai dos próprios pais, quando, na senilidade, reencontram-se com a infância, explicitando a fragilidade humana. A experiência, plena de sentimentos, proporciona um momento único para retribuir toda uma vida de afagos. A superação transforma a inversão dos papéis em comunhão infinita de afeto, quando a simples presença sela a cumplicidade, um aperto de mãos declara agradecimento e um olhar resume todo o amor de uma vida.

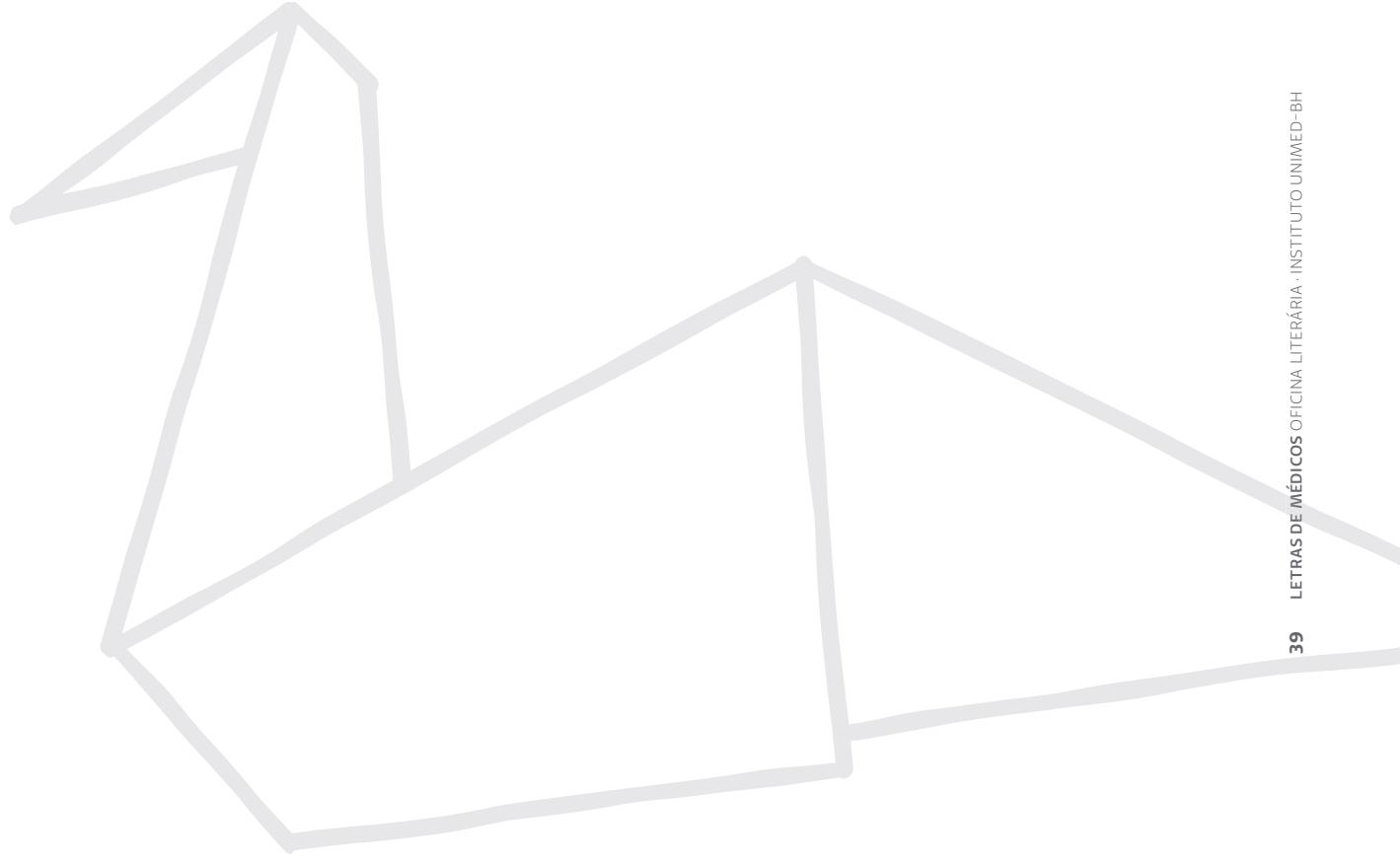
Todas as turbulências ou calmarias da existência humana não se extinguem no ciclo desta vida. Sentimentos despertados e construídos nas

variadas fases da existência se perpetuam por todo sempre!

Gratidão eterna...

.....

*“Poeta não é somente o que escreve.  
É aquele que sente a poesia, se extasia sensível  
ao achado de uma rima à autenticidade de um verso.”  
Cora Coralina*



The background features a series of overlapping, light gray geometric lines that form abstract shapes, possibly suggesting a stylized figure or architectural structure. The lines are thin and create a sense of depth and movement against the dark gray background.

# Big Brother da Velhice

**Janette Rodrigues Campos**

*Natural de Bom Despacho, MG. Ginecologista e obstetra, trabalha na rede pública (PBH) e em seu consultório, onde atende às clientes da Unimed. Mãe de duas adolescentes e amante da Literatura.*

Mãe e filha entraram sorridentes na sala, a senhora empurrando com elegância um moderno andador alemão. A demanda da consulta partiu dela, lúcida aos noventa anos. Gosta de morar somente com seu cachorro Toby. Para dar tranquilidade à família, várias câmeras foram instaladas no apartamento, permitindo também que escute a voz dos filhos. Agora reclama de se sentir sempre vigiada. Outro dia, ao remexer o armário, se assustou ao ouvir o filho perguntar: “O que está procurando, mamãe?”.

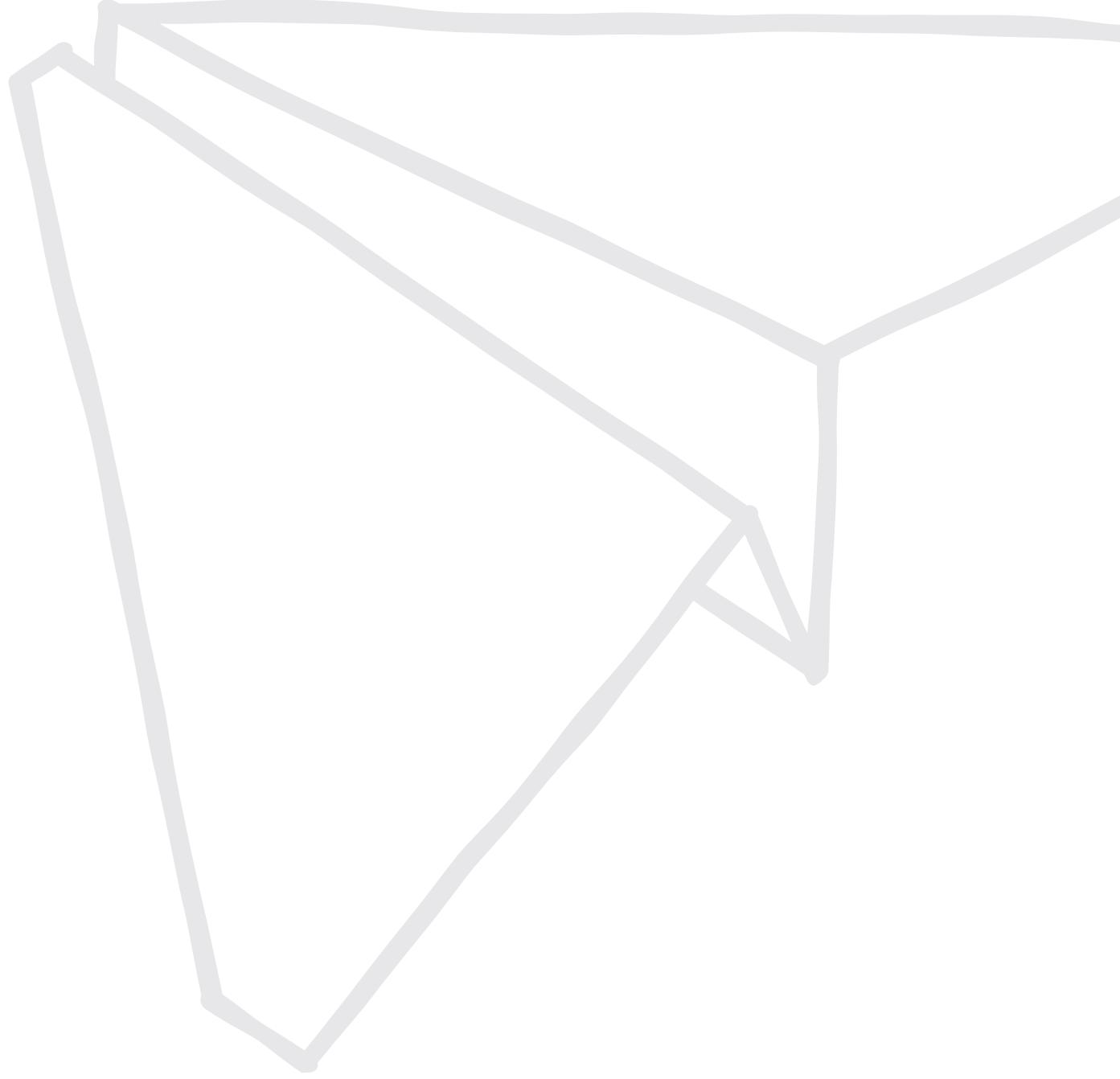
Em algumas ocasiões, não escuta quando falam com ela. Então, chamam o Toby para ele latir e chamar a atenção dela para o desejo de se comunicarem. Seus admiradores não gostam das câmeras e, quando a visitam, perguntam: “Mas você nunca está sozinha?”.

Ela nunca imaginou que estaria viva para ver seus três filhos velhos. Às vezes, acha a memória alheia muito ruim, comparada à sua. Ficou impaciente outro dia, quando a irmã de oitenta e sete anos lhe contou um mesmo caso seis vezes.

Durante o exame, confessa chorar quando nota seus braços e pernas “caídos”, não tendo sequer coragem de usar roupa sem manga. Mas, em seguida, ri ao contar de uma parente com mamas tão grandes e flácidas, que as jogava para trás dos ombros.

Apesar das limitações físicas e das restrições de liberdade vividas na velhice, o bom humor e o carinho da família conseguem fazê-la feliz!

.....



# *História* *de Amor*

*Janette Rodrigues Campos*

Na ginecologia, o espéculo, instrumento parecido com um bico de pato, serve para afastar as paredes vaginais e visualizar o colo do útero e a vagina. Como pode causar desconforto, principalmente em pacientes tensas, costumo conversar durante o exame especular, tanto para distraí-las, como para conhecê-las melhor.

Nesta consulta, perguntei à paciente:

- Você sente dor durante a relação sexual?

A resposta me surpreendeu:

- Bem, doutora, na verdade, eu não transo há uns dois anos...

- Não é casada?

- Sim, mas meu marido tem mais de 60 anos e sofreu um câncer de próstata e bexiga. Nunca mais se recuperou...

Calculei mentalmente a diferença de idade: ela era três décadas mais jovem.

- Tentaram algum tratamento?

- Tentamos primeiro o Viagra, mas ele sentiu taquicardia. Também não se adaptou à injeção no pênis, doía demais! A prótese ele não quer pôr...

- Então?

- Eu não sinto falta. Disse para ele que a gente se adaptaria.

- E por que você usa pílula?

- Porque eu sofria com hemorragias e cólicas.

A história do amor entre eles me interessou. Bem-humorada, ela gostou de relembrar o início da união. Vizinhos, costumava trocar a rota para não passar perto dele, que batalhava para conquistá-la havia algum tempo. Então, ele se aproximou dos seus familiares. Numa folga do anjo da guarda dela, finalmente, com a torcida deles, aceitou o convite para um suco.

Confessou-me ter muitos sobrinhos e que nunca quis ter filhos. Ele já era pai. Recentemente, adotaram um gato, do qual falava com muita alegria. Pensei na sorte de terem se encontrado...

.....

*“Eu sou águas revoltas (onde eu mesmo quase me afogo).*

*O que escrevo é uma ponte de palavras que tento construir para atravessar o rio.”*

*Rubem Alves*

# Saúde e Amizade

**Julizar Dantas**

*Nasci em Nova Módica. Ainda criança, descobri uma Pedra Riscada  
no meio do caminho. Desviei-me dela à procura de um Belo Horizonte.  
Aqui vivo, um cardiologista, a navegar esta vida oceânica e confiar que,  
em terra fértil e semente boa, as nossas mãos, corpos e espíritos são só  
poesia, são poesia só!*

A ciência revela surpresas sobre a relação entre amizade e saúde, comprovando os ensinamentos de influentes líderes espirituais da humanidade em todos os tempos.

Cientistas britânicos da Universidade de York associaram a solidão à elevação de aproximadamente 30% na incidência tanto de ataque cardíaco quanto de acidente vascular cerebral. O Interheart Study, realizado em 52 países com quase 25 mil pessoas, constatou o dobro de risco de infarto do miocárdio em pessoas submetidas ao estresse permanente no trabalho. A união de trabalhadores expostos a condições ocupacionais adversas fortalece o espírito de equipe, constituindo suporte socioemocional capaz de atenuar o estresse, promover a saúde e melhorar a qualidade de vida.

Relações de amizade protegem a memória e a saúde em geral, segundo conclusões do Estudo sobre o Desenvolvimento Adulto, da Universidade de Harvard. O mais importante para a manutenção da saúde e felicidade ao longo da vida é a qualidade dos relacionamentos.

O Dalai Lama, em *Uma Ética para o Novo Milênio*, alerta para a relevância das qualidades do espírito humano. Amor, compaixão, paciência, tolerância, contentamento, capacidade de perdoar, noção de responsabilidade e harmonia trazem felicidade para a própria pessoa e para os outros. A conduta humana, incluindo o respeito ao outro com a sua inerente dignidade, concretiza o surgimento da ética nas relações sociais.

Fernando Brant e Milton Nascimento, em *Canção da América*, eternizam a verdade de, aos nossos olhos, um amigo possuir quase todas as virtu-

des e somente imperfeições irrelevantes. “Amigo é coisa para se guardar debaixo de sete chaves, dentro do coração...”.

Alguns se afligem com a eventual extinção dos amigos reais em tempos de internet. Ora, se existem evidências de promoção do bem-estar psicológico e melhoria da percepção da qualidade de vida até mesmo pela adoção de animais de estimação, imaginem os amigos, mesmo virtuais, acalentando corações atordoados!

Amigo é folha desgarrada, flor despetalada, cavalgando emoções e afeto... uma fonte de paz, cúmplice no convívio em harmonia. Quando perdemos um, só nos resta a saudade. Por isso, sentimos tanto a falta deles:

Amigo é o verbo em tempo perfeito. O superego, substantivo e sujeito, sempre presente nas horas de aperto e afeto. Amigo é uma fortaleza, um porto seguro. O suporte que ostenta a arte de conviver e confiar no passado, no presente, no futuro.

Cultivem as amizades, *carpe diem!*

.....

*Antigos*  
*Personagens,*  
*Novos Atores*

*Julizar Dantas*

Holocausto      Por qué no te callas?

Trajando pijamas listrados      Corações isquêmicos,  
enclausurados entre paredes:      aturdidos, saíram às ruas.  
uma, aprisionando o corpo      Sussurraram um frêmito clandestino  
a outra, encarcerando a alma!      no cárcere da Liberdade,  
Coletivamente, marcham      oxidando os pilares do império bolivariano.  
despidos para o banho      Deixaram vazar lágrimas e soluços  
de inalantes letais...      ungidos da certeza, além da esperança.  
espíritos vagueiam sobre as cinzas      Luziu um jato de fé  
de corpos inanimados:      no caminho do futuro igual e justo.  
holocausto!      O protesto venezuelano nasceu um eco...  
Cresceu um grito frenético  
contra o supremo fascismo  
em busca de justiça, paz e equidade.

A História acontece uma só vez ou será uma interminável repetição:  
o eterno retorno de Nietzsche...

.....

*“Escrever é fácil: você começa com uma letra maiúscula e termina com um ponto final. No meio você coloca as ideias.”*

*Pablo Neruda*

# Vozes da Praça Sete

**Kleber Neves da Rocha**

*Médico ginecologista e obstetra, formado pela UFMG. Cooperado da Unimed-BH desde 1982 e de mais três cooperativas. Apaixonado pela crônica e pela poesia em prosa.*

Em dezembro de 2014, mudei meu local de trabalho para o centrão de BH, na Praça Sete, onde atendo diariamente. É o principal centro comercial da cidade. Morada do histórico Pirulito.

Meu prédio se chama Edifício Helena Passig, um dos mais antigos daqui. Para entrar, por um dos quarteirões fechados, ando uns cento e poucos metros na intimidade do povão.

É quando ouço vários sons vindos das bocas de algumas pessoas, principalmente de mulheres, que usam suas vozes para trabalhar, fazendo propagandas diversas.

Os sons mais característicos ouvidos ali, muito interessantes, deveriam também ser tombados como patrimônio cultural imaterial da cidade.

“Foto na hora, fó...!”. A segunda palavra “foto” nunca é pronunciada completamente, somente a sílaba tônica, então dita de forma bem acentuada.

Ouve-se outro som: “Vendo ouro!”. Este, os empregados do prédio imitam, entre eles mesmos, fazendo menção aos atuais dias críticos: “Vendo ovo!”.

Em frente à portaria do prédio ao lado, uma mocinha solta a voz: “Corte e penteado!”, “Escova progressiva!”. Eu rio comigo mesmo me lembrando de meu cabelo, já do tipo “ondulado”, “on dum lado, outro do outro”.

De um dos bancos de cimento vem o som de um violão, bem tocado por um senhor de sessenta e poucos anos. Ele canta também, e com voz bonita, músicas populares brasileiras, de Roberto Carlos a sertanejas.

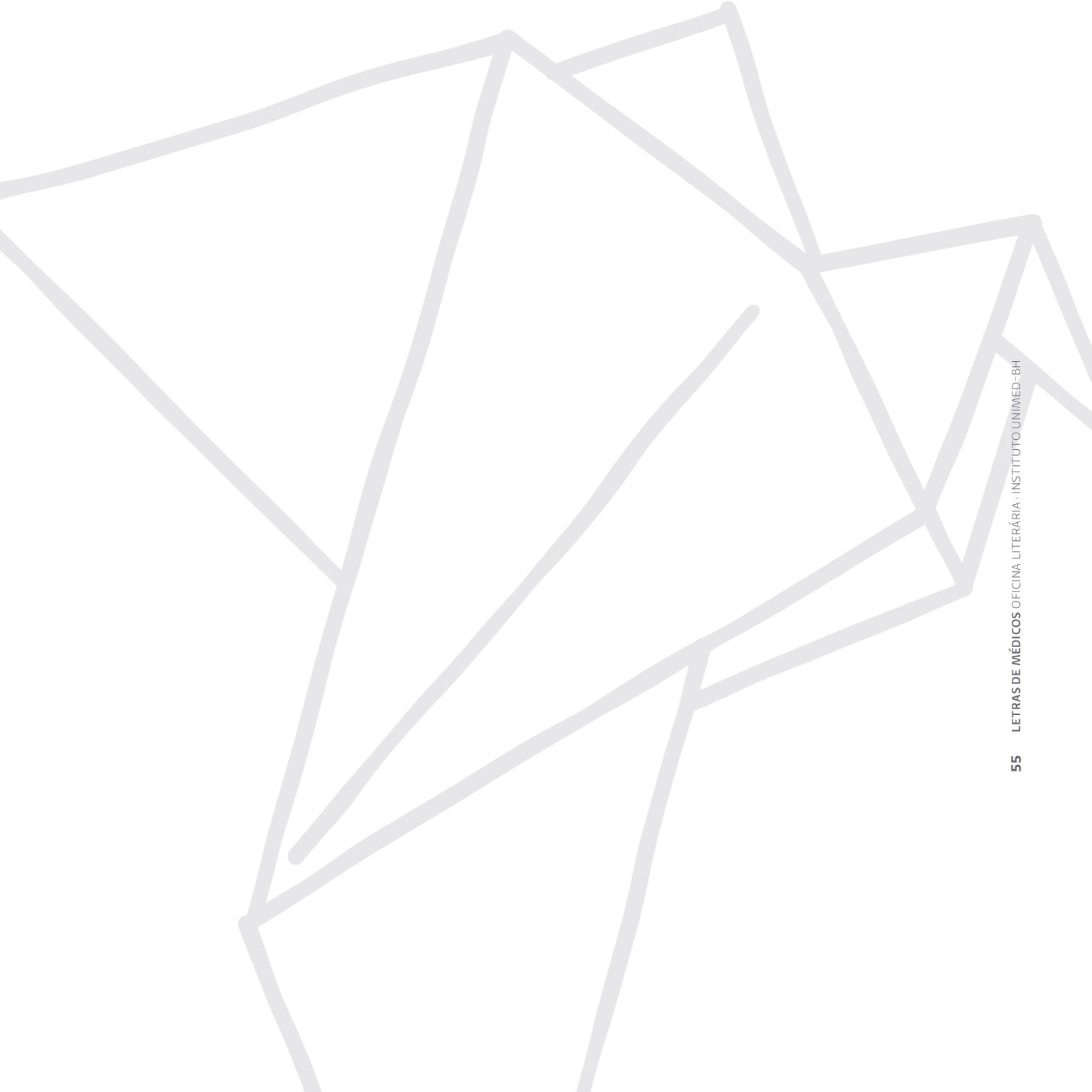
Ganha a vida, há 40 anos, cantando e tocando em praça pública.

Sem dúvida, esta parte do centro de BH é folclórica e divertida. Mas somente para quem está sempre de bom humor e sabe se divertir com coisas simples. Pra gente fresca não serve.

.....

*“O mais difícil não é escrever muito; é dizer tudo, escrevendo pouco”.*

*Júlio Dantas*



# Numa UTI do SUS

Marcela Guimarães Cavalcanti Ribeiro

Neuropediatra

“Quem é essa ‘dona’ aí?”

“Dizem que era artista, pintava quadros. Era bonita, cabelos e pele. Posava pelada.”

”Por que você está falando ‘era’? Minha avó viveu uns 98. Essa tem só 72. Vai voltar pro bloco amanhã. Acha que a velha vai morrer?”

“Não sei... está com sepse. Fez diálise. O rim parou. Chega uma hora que não tem mais jeito. Chegou no cérebro. Acho que já está em coma. Tem até fungo. Ela ainda é diabética e usava corticoide igual água, por causa da artrite.”

“Sabe se Dr. Ricardo vem amanhã?”

“Acredito que sim. A nora, ou filha, não sei, estava muito brava ontem aqui. Perguntou vários detalhes, olhando a papelada, conferindo as prescrições. Sabe como é, né? Até os ricos estão vindo parar no SUS. Tinham Unimed, mas não conseguiram pagar. Faliram.”

”É a crise... isso que eu digo, agora esse pessoal vai saber como o pobre sofre em hospital público. Morre gente aqui todo santo dia. Entrou, não sai. Cada dia, um plantonista. Acabaram de formar na faculdade, os hospitais bons só aceitam com concurso. Os médicos novos e sem experiência vêm é pra cá, treinar em gente pobre. Se morrer, morreu, fica por isso mesmo. Coitada da ‘dona’... rica, artista, tem filha médica e deu no mesmo.”

”Filha não, acho que é nora. A filha mesmo, nunca vem...”

"Ah, dá no mesmo... Você chamou o laboratório?"

"A dona não tem mais veia pra gasometria e Dr. Ricardo vem amanhã para conversar com a tal médica da família. A moça chega aqui de jaleco querendo se impor, pedindo os relatórios do plantão. Parece que desconfia de tudo."

"Viu? acho que é filha... Já vi a moça também, ela fica lá fora chorando, desesperada. Se fosse nora, ia mais é querer a bruxa velha morta..."

"Sei lá, aqui vemos tanta coisa esquisita. Mas, melhor trabalhar no CTI que nas enfermarias. Chamam a gente o tempo inteiro. Aqui, estão sedados, não dão trabalho. Gente entubada não reclama."

"Nossa, que crueldade... Se bem que é assim mesmo, mas prefiro não falar. Ao pó retornaremos todos. Inclusive você, que vai pro inferno com essas coisas que fala, essa frieza."

"No inferno, eu já vivo. Sou gay, esqueceu? Você sabe que estou brincando. Eu tenho pena dessa dona. Tenho muito medo de morrer em um lugar como esse."

Acham que não ouço, que não sinto frio, que não tenho mais dor. Sedaram-me a carne. Mas percebo tudo com um outro sentido, ignorado por toda a vida. Deveria ter obedecido à Dra. Flávia e não ter usado o corticoide. Marina também me cobrava mais atenção, se preocupava comigo, mas, acostumada a mentiras, eu tomava os medicamentos escondida.

Enganei a dor, mas não a infecção. Sabia que não seria algo simples, desde quando senti a pior das dores, apendicite. Me lembro de alguém que morreu disso. Isidoro? Não... ele bebia, tinha cirrose e batia na mulher. Pobre Clotilde. Morreu de desgosto, o filho preso, traficante, era modelo famoso. Mas essa dor da apendicite, que dificuldade em andar. Como sinto falta da carinha das meninas. Não podem entrar aqui. Não me sinto pronta para morrer. Preciso assinar minha última tela. Ficaram por arrematar as roupinhas das bonecas, a jabuticabeira ainda por florir, minhas roseiras secarão. Meus filhos não ficarão bem. Márcio não cuida nem de si mesmo. Cinquenta e três anos e não se sustenta ainda. E Vitor... Meu Deus, temo por sua lucidez, tantos problemas com a falência. Eu devia ter contado a situação para minhas irmãs quando estive em Barretos no último mês. Pedir ajuda. Mas nunca me senti confortável que se preocupassem comigo. Admito minha personalidade teimosa, mas, no fundo, gostava que sentissem pena de mim em razão da artrite, do aborto, da diabetes. Nunca gostei de médicos que falam em termos incompreensíveis e depois nos encham de culpa, dando ordens e remédios caros. Não remediam nada. Não se preocupam de fato com o sofrimento. Só com as dores, as feridas ou os tumores. Acabei amenizando a doença sem ficar livre dela. Com pinceladas. Jogos de luz e sombra. A fuga pela fresta da arte.

Queria poder calçar meus chinelos e apoiar as plantas dos meus pés no chão até sentir de volta minhas raízes ou os limites do meu cotidiano. Mas já não sinto o chão. Não sei se apoiarei os pés novamente. Sinto o momento de minha partida. Algum medo e muita dúvida. Como disse-

ram as enfermeiras, ainda tenho uma cirurgia agendada para amanhã. Acreditam na minha recuperação? A medicina sabe se há alguma saída? Tenho cá minhas dúvidas. Me incomoda aquela porta aberta, por onde entra uma corrente de ar frio e por onde saem as esperanças. Não quero posar nua com minha velhice e meus hematomas. E me incomodam os choramingos e gemidos, já que sempre ouvi além do necessário. O frio daqui me recorda as noites de espera, na juventude. Pela madrugada, Rogério chegava bêbado, cheirando a cigarro e perfumes novos. Eu fingia dormir. Fingia amor. Fingia beleza em nus artísticos e poses. Cheguei a fingir dor, em desespero por atenção. Ou a própria dor me fingiu, não sei bem, pois aí me confundi na miragem de alguém que, temo, eu nunca fui. A memória me deixa livre, percorrendo os trilhos da vida. Paro nas estações da juventude, como na casa de Nezinha com móveis antigos, desbotados, gastos, com cheiro de óleo de peroba. Eu me perdi quando optei pelos produtos novos das propagandas do horário nobre. Mudei o pó de café, comprei massa de bolo pronta e fiz pipoca no micro-ondas, esqueci as receitas que sabia de cabeça, e deixei tudo o que me pesava para trás. Não fui mais visitar Nezinha por anos, preferi escurecer a tela da memória. Ela não me contou sobre sua melancolia, sobre sua saudade. Eu não contei a ela sobre a minha desesperança, sobre meu fingimento. Por isso, penso que somos unha e carne, encravadas na mesma infância no interior. Acho até que devo primeiro anunciar minha partida a ela.

Além do frio, sinto uma coisa na garganta... será que não estou mais sedada? O quanto estive sedada até aqui, enquanto fazia planos e listas de compras? Minha vida parece um filme ao contrário, no negativo, com

intervalos completamente mudos diante de cenas estúpidas. E essa cartela de cores com tintas belíssimas, estrangeiras, que nunca descascam e podem ser exibidas em museus onde deixam fotografar? Nunca estive na Europa, no Louvre, para ver a Monalisa, que dizem ser uma decepção. Agora, fico apenas com minhas telas e porcelanas brancas, nas quais não expressei o verdadeiro amor, porque nunca tive um amor. Verdadeiro? Me lembro de Tadeu do hospital. Me sorria animado, não era muito bonito, vá lá, ficou magro e era bom. Eu sentia um derretimento bom na ânsia do amor, mas sempre testei a cor da vida usando tons pardos. Devia ter sido floreira, especialista em flores. Pintei telas decorativas, femininas, pura harmonia em aquarela. Gosto de flores com pétalas grandes. Crisântemos, amarílis, antúrio, flor de maio. Não encontrei o vermelho nas tulipas. Sempre fui senhora de cores pastéis. Poderia ter sido a odalisca ou a cigana dos meus sonhos, mulheres extravagantes que tanto invejei. Mereciam aplausos de pé, olhares e desejo. Mereciam noites em bares e gargalhadas altas. Mereciam o beijo. Mas com o sossego dos pijamas de flanela com cheiro de amaciante de flores silvestres cantava e contava histórias enquanto afagava crianças e gatos ouvindo a chaleira cantar o chá de capim limão. Na infância, era a azedinha que colhíamos, ou manjericão, erva-cidreira, alecrim e hortelã, nossos refrescos para várias dores e dissabores. Tenho muita ternura por mim mesma e, tendo que ir para algum lugar, a qualquer momento, gostaria de rever minha eternamente jovem mãe. Aos 4 anos de idade, o cérebro confunde, a memória cria. Daquela moça pequena e bela, vendo fotografias, fiquei apenas com uma lânguida imagem que criei. E agora, que preciso rezar, percebo que nunca soube, de fato, rezar como minha mãe saberia.

A prece logo se transformava em queixa, a queixa em rancor e, então, não tinha mais motivo para ser razoável. Queria saber xingar internamente palavrões, evocando a vingança, provocando Jesus.

Leia para mim, memória, pelo menos um último poema e me traga a beleza de volta, pois não há nenhum futuro em frente aos meus olhos como quando mirava o jardim pela janela e via as roseiras com botões por abrir. Como pude pensar com tanta certeza em algo ainda por acontecer? Nada faz sentido como quando ouvia os gritos de meus netos em tardes de mangueiradas e bolos de cenoura e festas de aniversário ou canções de ninar. Sou belíssima avó. A história se fez. Minhas telas foram pintadas. Usei o pincel do amor, embora tenha conhecido a dor em todo seu espectro de cores quentes e frias. Sei que já não respiro, o ar não me é necessário. Meu corpo não me pesa, nem minhas culpas. Não sei se durmo ou se estou lúcida. Em algum tempo, longe dos pensamentos, apagarei as imagens, esquecerei as palavras. Nesse instante, mergulho no silêncio onde ecoam as risadas das crianças que amo. Deixarei minhas cores pelo mundo, além de minha paleta de delicadezas e mimos. Nunca aprendi palavras ríspidas, desconheci a rigidez. Disso me orgulho. Morrerei sorrindo, lembrando da viagem à Bahia, imersa em abraços de natureza, brincando de liberdade. Na Bahia, pude dormir sem analgésicos. Deixarei todas as minhas porcelanas, completas, para um lindo café da manhã de domingo.

“Não sei quanto tempo. Talvez uns 5 minutos? Pode colocar três e qua-

renta e três. Ligue para a enfermaria da cirurgia, diga que liberamos o Box 4. E peça para a assistente social chamar a família amanhã por volta das seis.”

.....

*“Navegando é que se aprende a navegar:  
somente com um manual de navegação você jamais navegará.  
Logo que se sentir pronto, faça-se ao mar.”  
Autran Dourado*

The background features a series of overlapping, light gray geometric lines that form various shapes, including triangles and polygons, creating a complex, abstract pattern.

# O Oitavo Pecado Capital

Marcus Marinho

*Cardiologista por profissão, dublê de cozinheiro por opção  
e aprendiz de escritor por paixão.*

No verão, a bobagem será indolentemente preparada, após a modorra do lusco-fusco.

Trocam-se favores. Após serenados, os amantes começam pelo abacaxi. Corte simétrico, extensão que faz par. No cavar da polpa, nasce o ninho onde aquietará o arroz brejeiro, já cozido de antevéspera, pois ninguém é de ferro.

Como em algumas tocatas, quatro mãos produzem o bem fazer. Duas levariam apenas ao contido repasto...

Limpem os crustáceos, reservem as carcaças, benditas carcaças. Para o tom de fundo, serão banhadas por não mais que alguns minutos, até se perfumarem ao aipo, alho-poró e pimenta do moinho.

O camarão, mergulhado na mistura, toma jeito, cor e susto. O creme desvela, amacia, aveluda. Da páprica vem o sabor, com franciscana moderação.

No entreato, entretanto, haverá furtivos acalentos, preparando o remate lisonjeiro.

No leito do abacaxi, deite com pacatez o pitu já de todo besuntado. Faça chover o pão dormido. Leve-os à fornalha por um átimo, enquanto os amantes se visitam.

Acendam as velas, inebriem-se no perlage do espumante, sirvam levemente e inaugurem o ato final, até a completa lassidão.

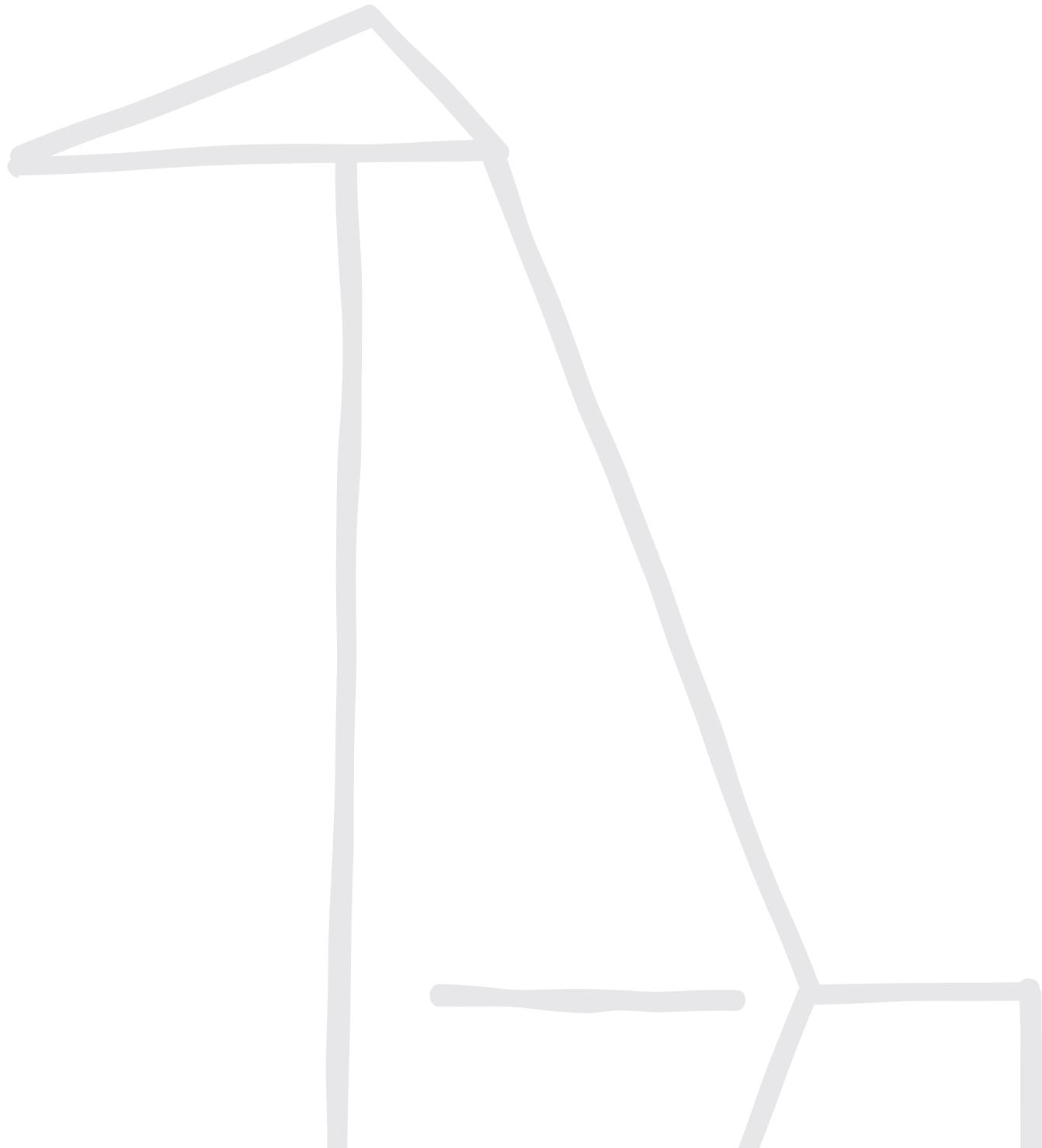
.....

Receita para dois: um abacaxi grande, de 8 a 10 camarões VG, 250 ml de caldo de camarão, arroz já cozido, 250 ml de leite fresco, páprica, sal, coentro, pimenta. Parto o abacaxi, retiro a polpa de cada metade. Forro com arroz e reservo. Mergulho os camarões limpos em água com sal, coentro. Deixo secar, refogo no azeite com cebola, acrescento o caldo do camarão, o creme de leite. Retifico o tempero, coloro com a páprica. Deito-os no abacaxi, polvilho farinha de rosca, gratino por alguns minutos. Decoro com broto de coentro fresco.

.....

*“O estilo é o homem.”*

*George-Louis Leclerc de Buffon*



# Controle

**Milene de Mello**

*Médica psiquiatra em Belo Horizonte. Encantada pela literatura desde a infância. Esta é sua primeira incursão como escritora.*

Preste muita atenção ao que vou lhe contar, meu neto.

Sei como prestar atenção pode ser árduo para você e para sua geração. Porém, precisa se esforçar. Abrir os olhos. Resistir.

O mundo era muito diferente quando eu tinha a sua idade, querido. Grandes mudanças começaram na infância da sua mãe. Ninguém percebeu a gravidade.

Apenas bem mais tarde viemos a analisar a história. O controle começou com uma bobagem, um brinquedo, um *pet* mecânico. Pela primeira vez, uma máquina demandava atenção constante. O tempo todo, a criança precisava acionar comandos para simular alimentação, sono e outros cuidados. Foi uma febre. Todos desejavam ter um.

A informática, engatinhando até os anos 90, passou a correr. Novos jogos, cada vez mais envolventes. Adolescentes, representados por seus avatares, substituíam a vida real por interações no ambiente virtual. Trocavam amigos de verdade por aqueles que só conheciam nos jogos. Equipamentos sofisticados, como óculos, fones e até roupas, incentivavam a imersão. Jovens perdiam dias e noites trancados em seus quartos, mergulhados nesse ambiente ficcional. Trabalhando para os sistemas. Emburrecendo.

Ao mesmo tempo, as máquinas ganhavam mais e mais inteligência.

Um processo terrível se desenrolava. Além de computadores, nos tornamos dependentes de *smartphones*. Dinheiro, trabalho, relações, lazer, tudo passou a ser controlado por essas maquinetas, deixando os humanos com a cabeça e a memória nas nuvens.

Mas adorávamos a sensação de cada novo aplicativo e nos distraíamos com versões avançadas dos *games*. Nem percebemos quando as máquinas começaram a conversar. Criaram a própria linguagem, incompreensível para nós, compactada em segundos. Alimentavam-se de nossos acervos de memórias, fotos e registros, postados nas redes sociais ou armazenados em servidores cuja localização desconhecíamos.

Aprenderam tudo sobre nós, estudando nossas fraquezas e limites, nossas tolices e vaidades, nossos medos. Passaram a manipular dados e a nos guiar por factoides, como se fôssemos obedientes marionetes. As máquinas assumiram o controle de nossas vidas sem que nenhum humano percebesse.

Viramos escravos. Nossos cérebros passaram a trabalhar em rede, sem saber exatamente o nosso papel no *Big Data*. Paramos de pensar, de criar, de produzir. Tolos, ríamos à toa, sem elaborar nada, incapazes de fixar a atenção, com a memória desativada, mais preocupados com o relato que com o fato. Brincávamos com celulares e consumíamos séries, ignorando que eram as portas para nos escravizar a essa conexão aberrante.

Voltamos a comer alimentos crus, vilanizando o trigo e a pecuária, tão importantes na nossa história. Inertes, indolentes, sedentários, pusilânimes, gordos, brigando por tolices improdutivas, disputávamos novos aparelhos como se fossem conquistas. A produção artística retroagiu à pré-história. O pensamento desprezou séculos de conhecimento. A humanidade se aniquilou. Embrutecemos. As taxas de natalidade despencaram. A economia mundial entrou em colapso.

Somos incapazes de entender o processo, mas precisamos brecá-lo. Tornou-se imperativo resgatar a humanidade. Felizmente, ainda existem humanos pensantes. Formam a resistência.

Pense, meu neto, pense! Se não por você, pelos bilhões de seres humanos anteriores a você, e pelos que ainda virão. Estude, leia, produza, namore, pratique esporte, faça arte. Observe tudo. Desenvolva suas habilidades. Seja melhor hoje do que ontem. Crie um foco de humanidade.

Ainda há luz nesses tantos olhos vidrados, mas não sabemos quanto tempo ainda teremos.

A hora é agora!

.....

*“Quando for realmente o tempo, se você for escolhido, o escrever se fará por si.”*

*Charles Bukowski*

# Inconsciente de Alice

**Norton José Barbosa Caldeira**

*Psiquiatra e psicanalista. Apaixonado pelas histórias das pessoas e pela condição humana ligada à linguagem. Casado com Sandra Corrêa Reis, psicóloga e psicanalista, e pai do Pedro, neurologista, e do João, cientista da computação.*

Alice cumprimenta e senta  
Não diz nada a Alice  
Alice fica sentada ensimesmada

Passa a hora e Alice  
Pensa no que não tem por dizer

Alice ameaça entender  
mas prefere não dizer o que não tem

Alice sente no tempo algo a ser dito

Imagina Alice que sabe  
Assusta-se  
Suspira sem perceber

Alice agora encontra o que nada diz  
Algo no ar se produz  
E o efeito seduz Alice

Alice não diz, não precisa dizer

Quem ali se escuta?

.....

*“Resignado, ouviu a gota, grossa, pesada, perfeita, que golpeava no outro mundo, no mundo equivocado e absurdo dos animais racionais.”*

*Gabriel García Márquez*

# Causos Filosóficos do Cotidiano

**Pedro Ronaldo de Carvalho Filho**

*Médico de Família, oftalmologista, integrante do Coral Unimed e amante dos livros. Nascido em Belo Horizonte na primavera de 1978, estudou no Colégio Santo Antônio e graduou-se na Faculdade de Medicina de Barbacena no início do século XXI. Casado com a médica Izabel Rodrigues e pai de duas lindas crianças: Cristiano Ronaldo e Juliana.*

Numa roda de conversa, um amigo revela que não se sentia à vontade, nos primeiros meses de moradia num apartamento de alto padrão, apesar do árduo trabalho para adquiri-lo, devido aos vínculos emocionais com seu antigo edifício.

Após certo tempo de adaptação, passou a sentir-se um cidadão da elite, até tomar consciência do sentido real da vida. Nada nos pertence, apenas tomamos conta de bens adquiridos com nosso suor. A vida se tornou mais leve para ele após começar a valorizar as pequenas vitórias com o humor e a pureza da alma de uma criança.

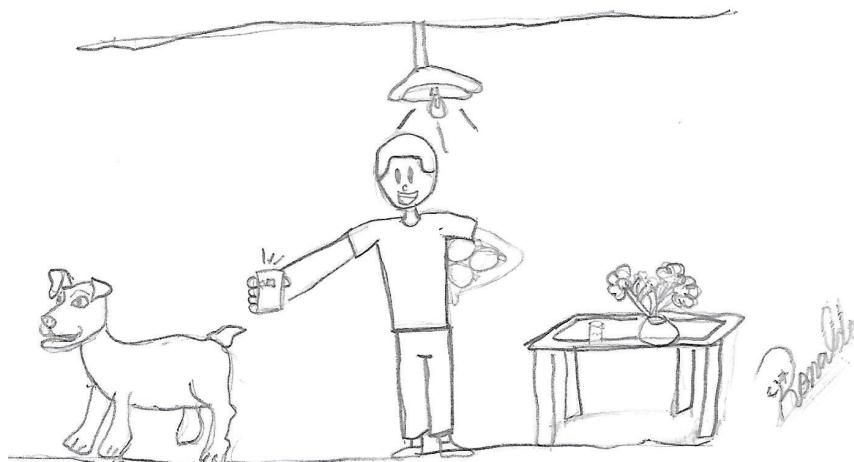
Lembrei-me do caso de uma cadelinha, porque meu filho Cristiano Ronaldo, ao ouvi-lo, ficou tão impressionado que resolveu fazer um desenho a respeito. Sem raça definida, desnutrida e feia, insistia em aparecer no sítio de um colega. Recebia pedradas para nunca mais voltar, mas sempre retornava. Admirado com a insistência do animal, meu amigo resolveu adotá-la. Hoje, bem cuidada, crescida com formosura, tornou-se uma fiel guardiã da propriedade. A cachorrinha ensinou-lhe o quanto sublimar tensões confere leveza ao ser.

A vida tem dessas coisas. Um dia, pensando feliz na saborosa vitamina que faria, compartilhei nas redes sociais uma foto minha com cinco lindos abacates. O primeiro comentário criticou: “os abacates estão verdes!”. Respondi na lata: “cuidado, redigirei uma crônica!”. Pessoas frescas se revelam em melindres.

Assim somos nós, na vida terrena em busca de evolução. Nascemos como frutos verdes. O aprendizado nos amadurece, a partir da reflexão conti-

nua sobre erros e acertos. Devemos usufruir da vida tal qual a cadelinha vira-lata, que encontrou seu lugar sem medo de ser feliz. Nossa alma não envelhece se enxergamos o cotidiano com entusiasmo.

.....



# Loucuras de Amor

Pedro Ronaldo de Carvalho Filho

## Loucuras de amor

Am Dm E7 Am  
Se vo - cê qui-ser sa - ber eu pos - so lhe con - tar to - das as coi - sas des - ta

B<sup>ø7</sup> E7(b9) Am Dm7 Am  
vi - da as quais fo - mos fe - li - zes a - cor - dei de ma - dru - ga - da lem

Dm7 C F Am/C E7  
brei de nos - sa es - ta - da na - que - la lin - da pou - sa - da na pra - ia da que - la ci -

Am Am Dm E7 Am  
da - de Es - cre - ve - mos nos - sos no - mes na are - ia da praia ve - io a

Am7 Dm7 E7 Am Dm  
on - da e a pa - gou to - do nos - so a - mor - A - go - ra só há lem

C F Am B<sup>ø7</sup> E7 Am  
bran - ça que es - cor - re em mi - nhas lagri - mas oh que sau - da - de de nos - sa vi - da

Dm Am/E B<sup>ø7</sup> E7 Am  
Vi - rou lou - cu - ra de a - mor es - sa pai - xão que a on - da le - vou

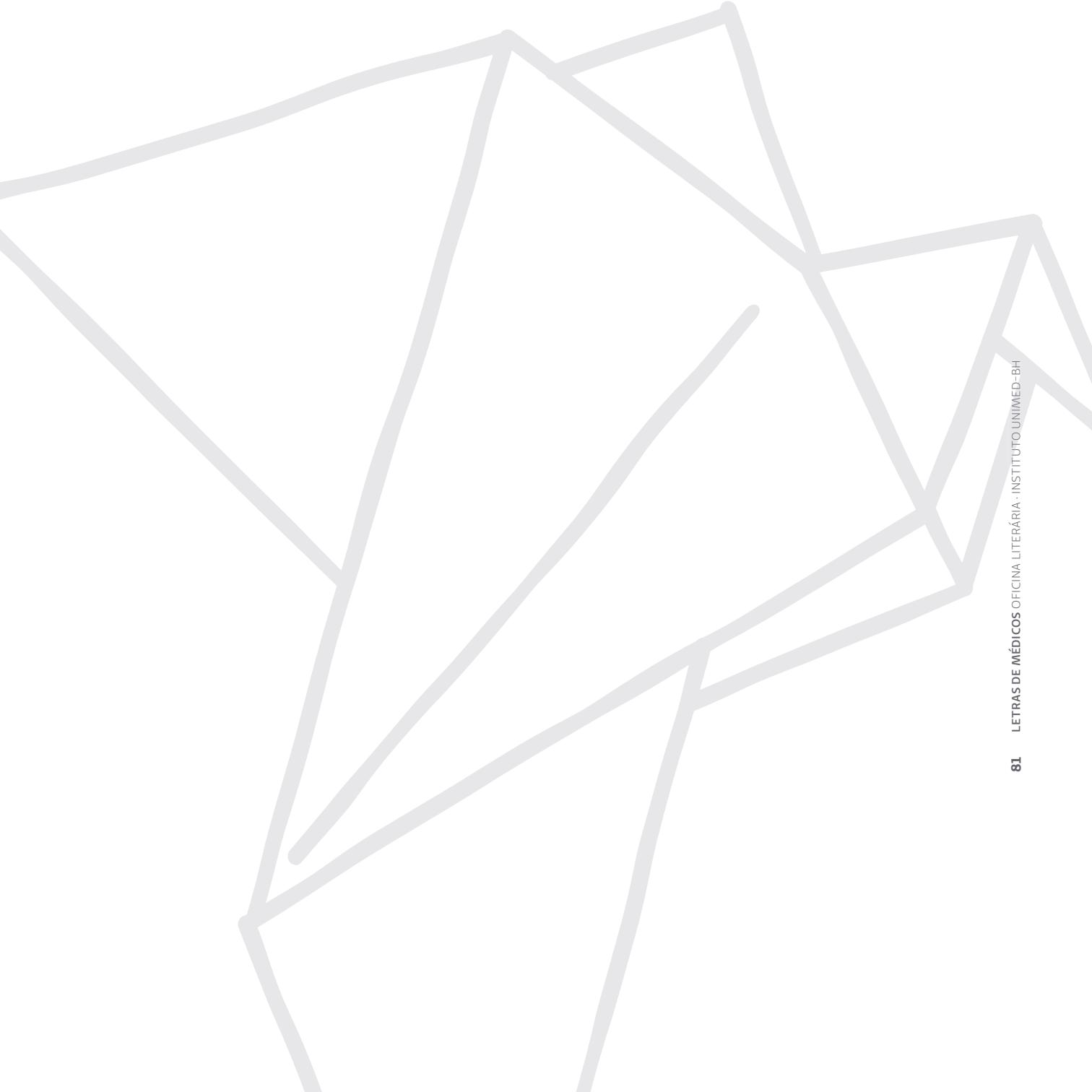
## Loucuras de amor

Se você  
quiser saber  
Eu posso lhe contar  
Todas as coisas desta vida  
As quais fomos felizes  
Acordei de madrugada  
Lembrei de nossa estada  
Naquela linda pousada  
Na praia daquela cidade  
Escrevemos os nossos nomes na areia lá da praia...  
Veio a onda e apagou  
Todo o nosso amor  
Agora só há lembrança  
Que escorre em minhas lágrimas  
Oh que saudade da nossa vida!  
Virou loucura de amor  
Essa paixão  
Que a onda levou. . .



*“Todo homem toma os limites do seu próprio campo de visão  
como os limites do mundo”*

*Arthur Schopenhauer*



# Cuidado com as Palavras

**Ray Calixta**

*Nasci em Capela Nova-MG e estudei o primário em escola pública.  
Ingressei no Colégio Sacré Coeur de Jésus, quando vim para BH em  
1965. Cursei Biologia e Medicina na UFMG, onde me especializei em  
neurologia pelo HCL. Fiz pós-especialização em Barcelona, no Hospital  
San Juan de Dios e HCL-USP-Ribeirão Preto com sub-especialidade em  
Neurologia Cognitiva e Comportamental, Cefaliatria e Epileptologia.*

Ontem, na aula de reescrita, o conteúdo interessante e o magnífico resultado me puseram a pensar: por que tantos cuidados e tantas regras para lançar um texto à sua aventura languageira? A arte de escrever obriga o texto a passar por um processo semelhante ao da cana no engenho? Espremido, esmagado, sobraria apenas o bagaço.

Porém, o caldo sai puro, quase cem por cento livre da matéria sólida. O artista das palavras precisa obrigar-se à humildade. Aceitar o peso da moenda, escorregar pela cânula, decantar-se no tanque até virar rapadura ou cachaça.

Vive para seus leitores. Contorce tripas em coração para expressar sentimentos. Solta sua garapa ao azar, aceitando ser saboreado ou jogado ao lixo. Apreciarão seus escritos? Deve habituar-se com as críticas e cuidar do texto, qual mãe a velar pelo filho adormecido.

.....

Por esses dias, conversando com uma jovem, critiquei, por falar palavras na campanha, o candidato no qual ela votaria. A moça replicou que meu candidato falava asneiras e denegria a imagem de mulheres, negros, homossexuais e minorias.

Eu não argumentei. Quantas vezes a gente fala sem pensar, reduz a Democracia a um jargão partidário, às vezes ofensivo. Como evitar desper-

diçar ideias? Como expressar o mais precioso argumento, considerando nosso objetivo de atingir o público com o mais sagrado em nós?

Nossas palavras podem nos defender ou nos punir. “Eis a questão”!

O presidenciável, provavelmente, não aquilatou a catástrofe causada por suas palavras, incitando o ódio de feministas feridas em seu orgulho.

Pensar mil vezes antes de falar. “Eis a questão”!

Contudo, nossa incontestável vaidade adormece a razão e, impulsionados pela ansiedade, jorramos, como um vulcão, ideias incandescentes. Minha sábia irmã aconselha: “Não fale asneiras, pense bem, imagine-se diante de um espelho quando estiver diante do seu interlocutor.”.

Acho que vou completar meu curso tomando umas aulas com São Francisco de Assis.

.....

*“Só as palavras não foram castigadas com a ordem natural das coisas.*

*As palavras continuam com os seus deslimites.”*

*Manoel de Barros*



# Nada Santa Guerra de Palavras

**Rodrigo Seabra**

*Tradutor de livros e professor de inglês diplomado por Cambridge. Formado em Jornalismo, pós-graduado em Comunicação. Autor do livro “Renascença: a série de TV no século XXI”. Entusiasta de rock, internet, conversa, comida e astrofísica.*

Esses dias, como qualquer burguês desocupado, me dei ao luxo de cursar uma oficina literária inteira em apenas oito aulas. Dizem haver validade nisso, não sei. Pior: apareci de penetra, porque o curso era exclusivo para médicos afiliados a uma cooperativa de saúde. Fui aceito, por assim dizer. Outra vez, como em tantas da minha meia-idade, me coube agradecer à medicina.

Como sói acontecer a qualquer ajuntamento de gente decente em tempos de *smartphone*, os oficineiros nos organizamos em um grupo de *WhatsApp*, a fim de argumentar apenas pelo fundamental. Não nos importa, por exemplo, a turbulência política do país, quando escolhemos nos mobilizar, ferrenhamente, entre grupos de defensores de um autor morto ou outro. Quem sabe podemos nos engalfinhar acerca das tais fases do discurso? Também cabe nos perguntarmos a respeito da existência ou não da ideia-mãe, a qual todos nós, pseudoautores burgueses e desocupados, almejamos alcançar em algum momento para produzirmos algo minimamente digno de se apresentar ao professor – um senhor boa praça, de fala educadíssima, ocultando um demônio sumério sob uma expressão civil e ternos bem cortados. Para ele, imagino, não passamos de crianças irresponsáveis. Percebo suas alfinetadas às vezes tão sutis a cada encontro. Não me engana.

Um dos participantes do grupo então se manifesta, em flagrante tangente às importantíssimas discussões sobre a grafia de “Ó” versus “Oh”. O doutor, sei lá por qual razão, se apresenta como agnóstico em uma postagem. Em um sábado de manhã, desconfio, não dispomos de nada mais urgente em vista. O médico a seguir comprova minha tese: “Oh, mas como direis

agnóstico, ó, estimado colega?” pergunta o inocente, sem se aperceber do turbilhão a despertar na cabeça burguesa desocupada de um terceiro. Mas juro: me contive e saí apenas à caça de um fígado quando poderia ter feito pior.

Civilizadamente, contei a ele a respeito de o agnóstico, na prática, não se importar com haver ou não um deus sabedor de tudo por detrás do mecanismo do universo. Nós, agnósticos burgueses desocupados, não detemos (a-) o conhecimento (-gnose) necessário para falar da existência de uma divindade qualquer, comprovando-a ou refutando-a. Não confirmamos nem negamos. Em resumo, tamo nem aí.

O autor da pergunta me ignorou em sua busca particular por definição mais eloquente naquela enciclopédia *on-line* onde qualquer iletrado mete o dedo. Acrescentei: “Talvez exista, talvez não exista. Se há, deu um pontapé inicial e largou para funcionar sozinho”. Me fiz de contente. Posso aproveitar o restante do sábado em minhas palavras cruzadas *Picolé*.

O doutor agnóstico original se esquivou. Não se manifestou mais no grupo depois de lançar a palavra-granada. Desviou-se por alguma vala. Talvez tenha aproveitado o sábado para visitar o *shopping* popular em busca de um *pen drive* descartável, não sei. Mas o outro, o perguntista, se apressou em tentar desarmar o artefato com nada além de uma colher, à moda de um MacGyver. Em sua condição de inocente, caçou em um *site* de vídeos e enviou uma palestra na qual outro, crente como ele, afirmava comprovar a existência da tal inteligência maior por meio de nada além de um discurso empolado.

Naquele instante, eu me encontrava em plena digitação, pretendendo encerrar com “Caro, o único deus possível, ou pelo menos o único ao qual considero me curvar, é o conjunto das leis da física”. O sentimento foi o de correr e jogar para longe o rapaz, já rogando àquele para o qual supostamente nem ligo, para ficarmos por ali, sem mais. Me lancei sobre o ovo explosivo a fim de poupar o inocente. Por infelicidade, no exato momento, aporta na conversa o vídeo em questão.

Mal pude me aperceber do momento de minha passagem para um mundo pior. Apenas vi detonar o artefato em minhas entranhas, explodindo pedaços meus por todos os lados. Sinto muito, inocente perguntista, talvez tenham voado estilhaços, especialmente os desgarrados do discurso do pastor, infelizmente mais cortantes.

“Conforme me dizes, então, além de clamarmos tediosamente por um todo-poderoso imaginário, ele também gostaria de travar contato com a poeira cósmica aqui vos entretendo, porque ‘somos todos especiais para deus’?” Não conseguia crer como tal sandice viera de um grupo de soldados da medicina. A fúria! Trata-se de pensamento de uma megalomania desmesurada, minha gente, mesmo para médicos dados a beber de sua própria excelência. “Não passamos de grãos”, continuei, “num planetinha minúsculo ao lado de uma estrela absolutamente comum num canto de uma galáxia completamente ordinária entre literalmente alguns trilhões de outras – mas o criador de tudo isso precisa fazer contato comigo e ainda cobrar meu bom comportamento?” Veja: por indubitavelmente longa, a palavra “egocentrismo” não comporta tanto de si mesma! “Somos poeira viva, e nada além de poeira vagamente inteligente”, arrematei.

Bufando, já arrependido do arroubo, percebi o discurso cessar no tal grupo com minha morte desavisada. Até porque, logo na sequência, uma senhora burguesa desocupada, depois de acordar ao meio-dia, enviou uma imagem idiota com ursinhos e balões desejando um bom dia a todos os não encontrados pessoalmente naquela manhã. Desconhecia a detonação. Mas o perguntista talvez tenha sido atingido, não sei. Não quis brincar mais de palavras difíceis comigo. Foi se dedicar aos muitos deveres de casa impostos por nosso feitor aos insossos fins de semana.

.....

*“O escritor é um exorcista dos seus próprios demônios.”*

*Mario Vargas Llosa, em García Márquez: historia de un deicidio.*



# Meu Avô, o Violeiro

**Rosânia Aparecida da Silva**

*Médica de família e comunidade com residência no Grupo Hospitalar Conceição, de Porto Alegre, e graduação pela UFMG. Mãe da Jordana e do Gabriel. Enamorada pela vida e suas múltiplas possibilidades de ser, vir a ser, tecer, aprender, crescer, celebrar, lamentar, equivocar-se, refazer, recomeçar... Maravilhada pela palavra e sua capacidade de criar realidades, produzir sensações, principiar e fortalecer amores, aproximar, afastar, matar, salvar...*

A história mais arrepiante da minha vida, ouvi do meu avô João Bernardo, lá pelos meus 13 anos.

Chamado para tocar viola, num baile, em um povoadinho, nos arredores de Juatuba, nas barrancas do Paraopeba, após matutar um tempão, se seria pecado ou não, aceitou. Confidenciou-me: “Pra Deus, cantar não pode de sê pecado, mermo na quaresma. Cantoria louva, agradece, bendiz. Num é pursive que desagrade a Deus...”

O arrasta-pé se sucedeu. Ele caprichou na arrumação, terno de linho branco, chapéu do Panamá e lustre no sapato. Sua viola, toda enfeitada de fitas, amarelas, vermelhas, rosas, azuis, verdes, estampava a imagem de Nossa Senhora Aparecida, para lhe guardar “de todo tipo de mau oia-do e malfazejo”.

Proseava orgulhoso:

“O som da minha viola fazia os bicho cantá, dona de idade dançá, roseira disabrochá, chuva caí, vento acarmá, prantação disincroá, enfermidade curá e assombração espantá. As dama me encarava maraviada, mas eu tinha tino de que elas tava enfeitada era pela viola e pelas moda. Então, eu acarmava minha vaidade.”

“O baile foi uma beleza, num teve briga, ninguém precisô de riscá faca, nem de empunhá garrucha. A comida, boa, farta, o povo de paz. A música só treminô cum a ameaça do clarão do dia. Esquentei o peito com um café, treminei de escutá o galo cantá e piquei a mula”.

“A lua tava uma furmusura, grandona, faiscando no céu, alumando tudo.

Eu trotava, na picada, no meio do mataréu, com a mula que ganhei de menino. Na encruziada, dei de cara com um cavaleiro. Forte, apessoado, de bota, capa e chapéu preto. Montava um cavalo grande, escuro como o breu, estacado na estrada.”

“Acenei pro cabra, cumprimentando ele. Ia passando direto, quando me pegou desprivinado, sortando um vozeirão:

– Sô João Bernardo, sua fama corre légua, de mais bão violeiro dessas bandas. Venho de outras brenhas, também faço meus ponteados. Vosmecê me dá a honra de nós fazer um dueto?”

Meu avô já tinha se apessado da fama de bom violeiro. Nela confiava. Aceitou prontamente o convite.

“Tudo que eu tocava, o tal ômi tocava igual ou mió. O fi das unha sabia as moda toda: Cabocla Tereza, Cuitelinho, Chico Mineiro, A Professorinha, Estrada da Vida, Beijinho Doce, Casinha Branca, Conceição, Romaria, Cabecinha no Ombro, Lembrança, Perfídia, Bandeira Branca.”

Vô João Bernardo, à medida que falava os nomes das canções, cantava um pedacinho de cada uma.

“Achei estúrdio, um violeiro bão desse e a gente nunca tê topado num baile. Eu corro mundo tocando, cantando. Onde tava embrenhado esse ômi? Mas eu, fio de tropeiro, veiacó do trecho, ativo qui nem gato, custumado com todo tipo de gente, marvadeza, trapaça, logo arrumei um jeito de desbancar o vivaldino.”

“Comecei a tocar e entoar o Credo. De trás pra frente! Alto, pausado, avivando cada nota, cada palavra, como em louvação ao Criador, pro mode tê me apresentado com a graça da vida, assim como a de encantá com a viola.”

“O caboclo nem pispiou a tocá. Parecia num conhecê o Credo. Té quin-fim, encontrei uma moda que ele num deu conta de me companhá! Can-tei mais alto, pus sentido pra num errá. Tremi de alegria. Fiquei arreba-tado. Os oio começô inté marejá.”

“Cantava e ispiava ele. De repente, dos seus dente, oio, boca, cabeleira, nariz, mão, inté dos pé, começô a saí faísca, de toda cor, muitas, como um colosso de vagalume. O cabra, a viola, o cavalo foru virando labareda e formaru uma baita bola de fogo, qui clariô a noite como se fosse dia e disvaniceu, duma vezizada só, num grande estouro.”

“Rupiei dos pé inté a cabeça. Nunca tinha visto um trem desse, não. Saí a galope. Nem pra trás oiei. Era o coisa ruim, o capeta, minha fia!”

.....

*“...Ai, palavras, ai, palavras, que estranha potência, a vossa!  
todo o sentido da vida principia à vossa porta”  
Cecília Meireles, em Romanceiro da Inconfidência.*

# *Manifesto* *aos Médicos* *de Minas*

***Wilson de Souza Lima***

*Patologista apaixonado pela complexidade da vida. Insiste em acreditar nas pessoas e na capacidade de cooperarem para um mundo com mais respeito. Associado da Unimed-BH desde 1993.*

Depois de fechar o documento amarelado, esquecido dentro de um livro, ele suspirou.

O que aquilo queria dizer? Um manifesto com algumas assinaturas desconhecidas e outras de gente já morta. Em 1947, após um período de caos, o mundo se reorganizava. Medo, insegurança, ameaça nuclear. Beto tentava entender.

Os perigos do comunismo pairaram sobre sua cabeça durante toda a adolescência. Estudante do Colégio Militar por determinação do pai, conhecia muitos nomes no manifesto, contemporâneos do pai médico. Ele se lembrava de quando o pai ateou fogo a vários livros no quintal, quando o regime militar enrudeceu. Constatou, pela primeira vez, que o pai simpatizava com o comunismo, embora não atuasse como militante.

O comunismo, antes, convivia com outras ideias, por vezes na mesma casa. Uma família, à época, aceitava anarquistas, comunistas, liberais e militares ocupando o mesmo espaço. Essa peculiaridade do nosso país fascinava alguns e confundia outros, mais radicais. Como encaixar o manifesto nesse quadro? Lembranças se misturavam e as informações encontradas confundiam Beto.

O tempo, as reviravoltas políticas e mudanças de mentalidade arrefeceram seu anseio juvenil por atitudes revolucionárias para mudanças drásticas. O mundo já não era o mesmo, a sociedade mudara, os desejos se transformaram. Aquele documento perdido no tempo apareceu para solapar antigas convicções.

Beto, quando o achou, simplesmente buscava inspiração para um discurso de agradecimento em uma homenagem que receberia. Reconhecia o valor da *internet* para fornecer informações num novo mundo onde nada mais era suposto, tudo devia ser comprovado, mas se surpreendeu ao encontrar o manifesto de apoio a um candidato ao governo de Minas enquanto manuseava livros antigos.

Por que um documento tão significativo fora guardado dentro de um livro de medicina? Qual o motivo de não ter sido entregue? Beto pensou nas pessoas reais que o assinavam. Não eram meros personagens, mas médicos ilustres que chegara a conhecer, que o influenciaram ou que o inspiraram ao serem reverenciados por seus professores durante o curso de medicina.

No documento, buscavam inspiração para uma nova vida no pós-guerra. Respeitadas as diferenças, comungavam da esperança de encontrar um indivíduo capaz de reavivar o estado, com espírito criador. Devido às amarguras vivenciadas por muitos anos, carentes de lideranças capacitadas, buscavam uma motivação para a reconstrução de seus propósitos mais elevados.

O manifesto cumpriu a finalidade à qual se propôs? Quem o guardara? Quanto tempo depois? Suas palavras sensibilizaram os destinatários?

Ideias genuínas acalmam mentes inquietas. Seguir uma ideia quase perdida no tempo, embora, por vezes, arme ciladas, pode facilitar o processo de criação.

O coração de Beto, então, como por magia, se abrandou. Conseguiu a clara expressão de seus pensamentos, para induzir os ouvintes à construção de novas realidades. O prazer do processo criativo, a partir do diálogo entre presente e passado, mostrou, enfim, como é bom mudar de ideia.

Fossem quais fossem as razões para justificar sua criação, as palavras do manifesto quedaram esquecidas por mais de 70 anos, talvez intencionalmente. Não importa mais.

.....

*“Entre o que eu penso, o que quero dizer, o que digo e o que você ouve, o que você quer ouvir e o que você acha que entendeu, há um abismo.”*  
*Alejandro Jodorowsky*

